



Eduardo Lourenço: Um Modo de *Habitar* na Filosofia e Poesia

Maria Celeste Natário^[1]

Cem anos decorridos sobre o nascimento de Eduardo Lourenço e três anos depois do seu desaparecimento, parece-nos uma boa ocasião para, ainda que de modo breve, trazer aqui algumas reflexões para debate. A sua influência na cultura, na filosofia e na crítica literária atinge uma importância que deve ser investigada.

Nascido a 23 de maio de 1923, em S. Pedro de Rio Seco, na Guarda, Eduardo Lourenço percorreu uma longa viagem. A sua obra, abrindo-se em inúmeros campos (filosófico, literário, artístico, histórico, político...), vai-se construindo à luz dos encontros que foi tendo e onde o seu pensamento crítico é marca permanente da sua produção literária. O ensaio foi, com algumas semelhanças com António Sérgio, mas sobretudo com Montaigne, não só um modo de expressão, mas a sua particular forma de diálogo consigo próprio e com o mundo.

As suas primeiras obras publicadas, *Heterodoxia* I e II, são, desde logo, um exemplo desse pensamento crítico que, no seu caso, evidencia o “espírito da heterodoxia”, “uma palavra ao mesmo tempo enraizada e livre, uma natural e adulta maneira de habitar a nossa própria casa” (2021, p. 206). Desta “casa” Eduardo Lourenço nunca se afastou, evidenciando o que vem a ser o próprio desenvolvimento do seu pensamento e obra.

É o seu claro espírito heterodoxo (apresentando em 1949), lugar de recusa das ortodoxias, que está na base do seu “humilde propósito de não aceitar um só caminho pelo simples facto de ele se apresentar a si próprio como único caminho, nem de os recusar a todos só pelo motivo de não sabermos em absoluto qual deles é, na realidade, o melhor de todos os caminhos” (*ibid.*, p. 31). Que este caminho não era fácil, sabia-o, por diversas vezes o afirmou, com base nas experiências vividas e nas dificuldades sentidas.

[1] Professora do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Coordenadora do Grupo de Investigação *Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal / Instituto de Filosofia* / Faculdade de Letras da Universidade do Porto / RG-PHIL-Norte-Porto-502-1948.

As suas maiores dificuldades iniciais decorreram do convívio com as duas tendências, ou visões, consideradas como “ideologias” na época: o catolicismo e o marxismo. Com a primeira, teve Eduardo Lourenço uma relação natural, inserida no contexto de uma educação recebida desde a infância, mas que vai ser depois ser alvo do seu perscrutar analítico e crítico, sobretudo em Coimbra, onde vai decorrer a sua formação académica e na sequência dos desenvolvimentos da relação e situação política e social portuguesa.

Como sabemos, o Estado Novo, ao ligar-se à Igreja Católica, vai desvirtuar os princípios de uma religião, que deixa de “estar ao serviço” de Deus e do espírito para passar a ficar ao serviço de uma posição política, que não dialogava com uma conceção ética e social-cristã em acordo com um ideal de progresso e evolução humanistas.

Se o grande pólo da cultura portuguesa da época tinha Coimbra como centro – obviamente, e sobretudo, por causa da Universidade –, o mesmo se justifica também por toda uma efervescência de movimentos culturais, onde grupos de intelectuais emergiam, sobretudo em mo-

vimentos de contestação e enfrentamento social, político e cultural de grande expressão.

Boa parte desta geração é influenciada por correntes marxistas, que, como sabemos, tiveram uma importância decisiva, não só na formação intelectual um pouco por todo o país, como sucede um pouco por toda a Europa.

Atento observador e interveniente cauteloso, Eduardo Lourenço encontrava-se muito próximo dessa movimentação de intelectuais, escritores e artistas, com especial importância para o grupo da *Presença*, e designadamente de Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro e Joaquim Namorado. Eduardo Lourenço percorre um caminho paralelo, que reputamos de maior reflexão e autoconsciência, acabando por apontar para o que poderíamos designar como uma via alternativa.

É assim num ambiente de grande convulsão e crítica, com o aparecimento de novas propostas políticas, sociais e filosóficas, que Eduardo Lourenço inicia o seu percurso: o percurso de um pensador heterodoxo. É claramente um pensador que vai emergir no contexto da história da filosofia em Portugal com uma



proposta diferente, seguindo uma matriz filosófica “coimbrã” – não tivesse tido como grande mestre Joaquim de Carvalho –, construída em diálogo com as grandes correntes filosóficas de então, sobretudo a Fenomenologia e o Existencialismo. Tudo isto se adequava ao ensaísmo radicado em Montaigne, ao contributo do existencialismo na sua apologia do valor da singularidade e autenticidade do indivíduo, distante de doutrinas redutoras do humano, bem como à fenomenologia de base husserliana. É por este caminho que a obra de Eduardo Lourenço jamais considerará a existência como redutível a interpretações de sistemas filosóficos, ideológicos ou religiosos, enquanto a filosofia se lhe apresenta como uma indagação racional, e por isso como apreensão do presente e do real efectivo, o que, como sabemos, criticará na sua análise da filosofia hegeliana.

No contexto filosófico português, a influência de António Sérgio não se distancia muito do que acabámos de referir, sobretudo por via do seu idealismo e racionalismo, do qual se veio a afastar. Mas há um outro idealismo, de muito maior abertura e diálogo, que vai chamar a atenção

do jovem Eduardo Lourenço: o de Antero de Quental. E não é apenas o autor das *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* e das repercussões que esta obra vai ter na análise do pensamento e cultura portuguesa finissecular, é o poeta, sobretudo o poeta-filósofo, uma espécie de avesso de Eduardo Lourenço, mesmo que este, em nenhum momento, se considerasse poeta.

A relação da filosofia com a poesia vai assim marcar o pensamento filosófico do autor de *Heterodoxia*, ao mesmo tempo que marca o autor de *Tempo e Poesia*. A heterodoxia do filósofo pode ser interpretada como a razão próxima desta marca indelével do autor de *Tempo e Poesia*, isto é, do autor que escolhe os poetas como companheiros. Entre todos, Fernando Pessoa, o poeta construtor de heterónimos, teve lugar de destaque. E entre a heterodoxia como atitude, como caminho, sobretudo como modo de pensar, de interpretar a existência, e a heteronímia como meio de expressão de uma diversidade contida numa unidade, reside uma das possíveis interpretações do percurso filosófico de Eduardo Lourenço.

A Filosofia, por si só, não fora suficiente ao autor de *Heterodoxias*. E mesmo que a poesia não tenha “a pré-evidência do sol”, “a sua luz é a única que permite distinguir o que dura do que morre, o que é digno do homem e o que não é” (2016, p. 255) – e isso já era bastante.

À posição inicial face à Heterodoxia, base do pensamento de Eduardo Lourenço – “recusar a verdade dos outros ou o espírito com que eles a vivem” (2021, p. 198) –, rapidamente acrescentou a “humildade do espírito, o respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro” (*ibid.*, p. 35), nunca entendendo, porém, que isso significaria que ele fosse encontrar a verdade, mesmo que dela nunca tivesse desistido.

Acompanhando Heidegger, Eduardo Lourenço descobriu um grande mestre, o Tempo. Com ele, empreende um grande diálogo da existência, pois é nele que somos, e “se o homem deve algum dia chegar à vizinhança do Ser, tem que aprender antes a existir no que não tem nome” (2016, p. 73). Talvez Eduardo Lourenço tenha aprendido isso.





Referências

LOURENÇO, EDUARDO (2021). *Obras Completas I: Heterodoxias. 3ª edição*. Coord., introd. e notas de João Tiago Pedroso de Lima; coord. científica Carlos Mendes de Sousa; apresent. Emílio Rui Vilar. Fundação Calouste Gulbenkian. FCG: Lisboa.

_____. (2016). *Obras Completas III: Tempo e Poesia*. Coord. e introd. de Carlos Mendes de Sousa. Fundação Calouste Gulbenkian. FCG: Lisboa.